

Urros e mugidos: é o folclore nordestino no teatro

Prossegue hoje, às 17 horas, no Teatro Carlinhos de Oliveira, no Centro Cultural Carmélia M. de Souza, **Histórias do Boi Tungão**. Montagem do Mecena Troupe de Teatro. Direção geral, Armando Mecenas de Oliveira. Direção musical, Zé Antônio. Direção coreográfica, Lenilde Chaves. Com Neuza Souza, Fernando de Oliveira, John Angeli, entre outros. Ingressos Cz\$ 100,00 e com bônus, Cz\$ 50,00. Até o final do mês sábados e domingos.

Linda Kogure

O cenário é do Artesanato Brasil. Afinal tudo foi inspirado no folclore brasileiro. Esteiras, rede, cestos de palha. **Histórias do Boi Tungão** tenta contar a opressão do povo brasileiro, principalmente dos que vivem ou sobrevivem da terra, à moda antiga, na base da comédia pastelão. É tão pastelão que há quem saia do espetáculo bem pastel mesmo, inclusive algumas crianças. Em ação, o tradicional "bem e o mal". O vilão (o coronel) é um latifundiário que quer comprar a alegria do Boi Tungão. Os oprimidos se unem contra o opressor. E vencem (é claro) os bonzinhos. A temática é muito sofisticada para o público infantil: alegria, tristeza, angústia e morte.

O texto de Alexandre Marques Lisboa Luz mantém insistentes erros de português. Os atores, naquela técnica do pastelão, se parecem mais palhaços. Um bate no outro, muitos gritos, e, aí, os erros de português são lamentáveis. Talvez o Mecena Troupe queira ser fiel demais aos caipiras tupiniquins. Mas "nós não vai", não dá mesmo. O "que nós que" fere aos ouvidos mais sensíveis. Pobre das crianças em fase de alfabetização...

O que se viu no palco do Carmélia domingo passado foi um espetáculo grotesco. E isso não se



Zé Vintém (Fernando de Oliveira) e o Boi Tungão (Neuza Souza): contra a opressão

restringe só ao palco, não. Na plateia, algumas crianças urravam, corriam pra lá e pra cá, cantavam desafinado, aplaudiam fora de hora, uma verdadeira cena de matinê de domingo das pequenas cidades do interior.

E o Boi Tungão? Neuza Souza nem sabe como fazer para demonstrar tanta alegria do boi. Ela torce o rabo, torce o chifre, enquanto as crianças mais críticas bocejam ou franzem o nariz. E a mocinha (Rosana Gratarolly) aquela loirinha que sonha em se casar? O enfoque é mais do que ultrapassado e os tempos, agora, são dos "Thunder Cats", que já passaram a rasteira no próprio He-Man. No palco, ninguém convence a pla-

téia. A noivinha é tão virgenzinha, tão moralista, que fica a ver navios.

Se as palhaçadas são cansativas, as músicas de Zé Antônio relaxam um pouco. Tudo ao vivo, muito popular e floclórico. Mas é lastimável que, depois de toda a irreverência de **A Gang do Beijo**, a Troupe esteja na base do ôba ôba do Tungão. Está certo que a proposta é fazer teatro popular. Mas o povo, por mais pobre e periférico que seja, merece respeito e qualidade. Ainda mais o público infantil da periferia, que raramente tem acesso ao teatro. Talvez a melhor definição para **História do Boi Tungão**, sem maiores ironias seja: Môooo!!!.

TE 276

Histórias do Boi Tungão - Peça Teatral

SÉRIE AREA ARTES CÊNICAS
 SUB-ÁREA PEÇA TEATRAL
 REFERÊNCIA PEÇA "HISTÓRIAS DO BOI TUNGÃO"
 TÍTULO _____
 FONTE A GAZETA DATA 23/05/1987

7
23/7/87
BR. TBES.C. 6437
"A Gazeta"

Fotos Carilo Medeiros



Diante de uma platéia quase vazia, a reforma agrária foi debatida por um grupo que incluía o dramaturgo Aldomar Conrado

O teatro e a reforma agrária

"A reforma agrária que interessa ao Brasil não é tecnocrática. Trata-se de um projeto de busca de transformação social, que não se faz somente com o dinheiro. Temos de reeducar o povo brasileiro para acabar com a exploração do homem. Neste caso, a participação dos artistas é fundamental"
(Celso Furtado)

Luiz Tadeu Teixeira

Pelo jeito, as grandes questões sociais que preocupam a nação brasileira não estão interessando a grande maioria da classe teatral capixaba. Esta é a conclusão a que se chega ao constatar o reduzido número de participantes presentes ao debate promovido na última terça-feira no Teatro Carlos Gomes para discutir a reforma agrária e sua abordagem pelo teatro no Brasil. Na oportunidade foi aberta uma exposição reunindo fotografias de espetáculos que, de modo direto ou indireto, abordaram a questão da posse da terra. A mostra poderá ser vista pelo público nas próximas semanas, incluída na programação da III

Jornada Capixaba de Teatro que o DEC promove este ano.

Nem mesmo a presença de um importante autor teatral, Aldomar Conrado, montado por duas vezes em Vitória (*O Capeta da Caruaru*, em 1976, pelo Grupo Geração; e *O Vôo dos Pássaros Selvagens*, no ano passado, pelo Grupo Canela Verde) serviu de estímulo. Lá estavam também o secretário de Estado da Agricultura, Paulo Galvão (ex-prefeito de Castelo, cidade que desfruta do privilégio de ter um belo e confortável teatro) e o superintendente regional do Incra-ES, Carlos Dorsht, além do diretor do DEC, Maurício Silva.

Abordagem

Apesar do pouco público, a palestra/debate estendeu-se por mais de duas horas, tempo em que o assunto foi abordado por vários ângulos. Num aspecto, ao que parece, há consenso: a reforma agrária é indispensável e inadiável. Com ela serão resolvidos, na raiz, grande parte dos problemas brasileiros. Divergências se situam na forma de como operacionalizá-la: que terras seriam desapropriadas para os assentamentos? Há os que defendem a tese de que sejam somente as terras do governo. Outros, os latifúndios improdutivos ou as terras em que não fique comprovado o seu "uso social". Há ainda, os que advogam a utilização de terras que pertencem a empresas multinacionais (e mesmo nacionais) desde que sua atividade principal não seja agropecuária.

De um modo ou de outro, o que todos querem é que a Constituinte real-



mente decida o melhor, evitando-se que ocorram a escassez de alimentos, a violência rural e urbana.

As grandes cidades estão inchadas. Famílias de migrantes deixaram as zonas rurais na utópica esperança de dias melhores. Proliferam as favelas, os índices de criminalidade crescem assustadamente. O que se espera, finalmente, é que a fome e a miséria sejam definitivamente banidas do território brasileiro para que, deste modo, o país deixe para trás o subdesenvolvimento.

Condições

É certo também que não basta distribuir terras. É preciso oferecer condições para que sejam devidamente utilizadas e que a produção delas gerada seja distribuída de maneira racional, eficiente e justa.

Pena que temas como estes passem ao largo do interesse da maioria dos nossos dramaturgos e diretores teatrais. Afinal, o teatro, utilizado como veículo para analisar a realidade, pode se transformar num meio de mudança social, sem ter que apelar para o proselitismo, o discusso festivo ou demagógico. Em sua linguagem é utilizado um elemento de força incomparável: a emoção, instrumento capaz de explodir as mentes.